

Mera Coincidência

A convocação, pelo Tribunal de Justiça, dos 84 integrantes da "máfia da Saúde", devolve à tona, diante da opinião pública, alguns velhos personagens da crônica policial do quadriênio passado. A "máfia da Saúde", como se sabe, liderada por José Nader (presidente da Alerj), Astor de Melo (secretário estadual da Saúde) e o deputado Aluísio de Castro, raspou o dinheiro do SUS em 1994, por intermédio de uma teia de aranha que envolveu 34 funcionários da secretaria de Saúde e 48 sócios de empresas fornecedoras de medicamentos.

Desse pessoal todo, escapou da peregrinação ao Tribunal o deputado Aluísio de Castro, retirado do processo porque a Alerj não concedeu licença para que fosse processado. Faltou um, portanto, no banco dos convocados. Aluísio de Castro, que tentou suceder Nader na presidência da Alerj, para manter a linhagem inaugurada por Gilberto Rodríguez (excêntrica interligação da "máfia da Saúde" com a "máfia dos ônibus"), caracteriza-se por não passar cheque ao pagar contas altas. Abre a pasta e tira dinheiro vivo, na bucha. Qualquer semelhança com a maleta dos bicheiros é mera coincidência.

Já José Nader sai de curto ostracismo, desde que o então procurador-geral de Justiça, Antônio Carlos Biscaia, bombardeou sua pretensão de se sentar numa cadeira de conselheiro do Tribunal de Contas do Esta-

do. Segundo um colega, "colocar Nader para fiscalizar as contas do poder público equivale a deixar a raposa tomando conta do galinheiro". O procurador-geral deixou claro que Nader não tinha nem "reputação ilibada", nem "idoneidade moral" para o cargo.

Astor de Melo deixou rastro nítido em sua passagem pela secretaria da Saúde, tais como desvios de dinheiro no Departamento de Insumos Básicos, material não entregue, pagamento de obras não realizadas e assim por diante.

Em suma, entre ex-parlamentares, agora cidadãos comuns, obrigados a prestar contas de seus atos, e deputados que se escudam na imunidade para fugir da responsabilidade, a fauna é imensa e bem conhecida. Eles são os remanescentes de um período de franca decadência, em que se davam o luxo de ignorar até a prudência nas atividades por baixo do pano. Daquela época ainda perdura certo mau odor da distribuição do dinheiro da *caixinha* da Fetranspor no banheiro da Alerj, que fazia contraponto com a outra distribuição, a das verbas do SUS.

Quanto remédio foi sonegado aos doentes nos hospitais públicos? Quanto dinheiro se evolou da *caixinha* de Pandora, do cartel dos ônibus? Talvez nunca se consiga apurar, ao certo. Para determinados crimes, que atingem em cheio a população, cadeia é pouco.